

UM ESTUDO DE CASO SOB O OLHAR DA TEORIA SISTÊMICA

A CASE STUDY FROM THE PERSPECTIVE OF SYSTEMIC THEORY

Ana Carolina Pontes Negreiros Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
4443@academicougb.com.br

Maria Clara Queiroz Rocha Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
4443@academicougb.com.br

Ludmilla Furtado da Silva Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
ludmillafurtado@yahoo.com.br

Resumo Neste artigo pretende-se apresentar um estudo de caso, baseando-se nas impressões inferidas nos atendimentos de uma família. Partiremos do pressuposto teórico sistêmico, que se propõe a atender um grupo específico, que são as famílias e os casais, bem como, das contribuições desenvolvidas na disciplina de Estágio Supervisionado Específico em Psicologia III (Clínica). Em virtude disso, pontuamos que o objetivo psicoterapêutico visava auxiliar no acolhimento e manejo da demanda da clínica.

Palavras-chave Família. Estudo de caso. Abordagem sistêmica. Estágio Clínico.

Abstract This article aims to present a case study, based on the impressions inferred in the care of a family. We will start from the systemic theoretical assumption, which proposes to serve a specific group, which are families and couples, as well as, of the contributions developed in the discipline of Specific Supervised Internship in Psychology III (Clinical). Therefore, we point out that the psychotherapeutic objective was to assist in there ceptionand management oftheclinic's demand.

Keywords Family. Case study. Systemic approach. Clinical Internship.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 27/10/2024
Publicado em 30/12/2024

INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído com fragmentos da vivência e dos relatórios de Estágio, na qual os atendimentos clínicos foram realizados no SPA (Serviço de Psicologia Aplicada), nas dependências do Centro Universitário Uniabeu. Utilizaremos nomes fictícios com intuito de preservar as identidades dos membros da família, bem como, manter o sigilo previsto no Código de Ética do Psicólogo. No entanto, serão apresentados fragmentos das falas dos membros da família, por entendermos que são elucidativas para o desenvolvimento do artigo e da importância que cada fala tem no processo terapêutico. Serão apresentados os atendimentos realizados com uma família que se configura enquanto modelo nuclear (pai, mãe e filho), para embasar os atendimentos nos apoiamos em princípios da Teoria Sistêmica Familiar.

O caso que será apresentado neste estudo, inicialmente era de outra aluna, que se formou e foi repassado. Segundo os relatos e o relatório da estagiária anterior, a família apresentava como queixa o comportamento do filho. O pai relatava que o filho era o motivo para a busca terapêutica.

Adiante, apresentaremos mais informações que elucidem o caso, e gostaríamos de salientar que realizamos 13 sessões no total. Optamos por estruturar este artigo da seguinte forma: primeiro exporemos a proposta do estudo de maneira contextualizada. Em seguida discorreremos acerca da fundamentação com base na teórica sistêmica. Depois introduziremos o caso clínico e, por fim, abordaremos a evolução da família.

1. TERAPIA DE FAMÍLIA

Antes de falar propriamente da Terapia de Família, não poderíamos deixar de falar da família, que faz parte da construção histórica da civilização, nesse sentido, podemos pensar neste conceito enquanto “um grupo de pessoas que possuem algum parentesco ou ligação afetiva e vivem na mesma casa.” (RODRIGUES & FURLAN, 2024, p. 2419).

Nesse sentido, a partir das literaturas, buscamos as origens das pesquisas quanto aos estudos iniciais de família, que partiram da tentativa de melhora no tratamento com pacientes psiquiátricos e com jovens infratores. Durante a década de 70, ocorreu uma série de fatores que contribuíram para não só a expansão como a valorização da família para o entendimento e participação de certos estudos. Inclusive, devemos destacar ainda segundo ao que a literatura aponta, com relação à formação e o início dos cursos que se iniciaram no país foram realizados por meio dos profissionais que buscaram formação fora do país. (ROSSATO, 2017).

Retomando o surgimento da terapia de família, vemos que ela emerge a partir de uma multiplicidade de áreas (Teoria Geral dos Sistemas, a Cibernética, Teoria da Comunicação), na qual se buscou explicar as interações que ocorriam dentro das relações. A terapia surge nos anos 50,

passando por uma reformulação ao longo dos anos, tendo sua base epistêmica modificada. Em virtude disso, o pensamento sistêmico nos propõe apreender o contexto no qual o indivíduo está inserido, além de fazer parte do sistema, isto é, o terapeuta no processo terapêutico passa a fazer parte desse sistema que é a família. (CHARLES *et. al.*, 2016).

1.1 ABORDAGENS DA TERAPIA DE FAMÍLIA

É importante frisar que os primeiros autores que produziram conceitos ligados a estrutura e a dinâmica da família, que foram se aprimorando e/ou modificando suas compreensões, passaram a entender a família enquanto um sistema estável quando possui boa interação, e quando não, esse sistema se desequilibra. Assim, podemos observar que a terapia foca na mudança do sistema, ou melhor, na adaptação e no rearranjo da comunicação entre os membros da família. Desse modo, temos diversas escolas que se desenvolveram com esse propósito:

Temos a Escola Estrutural, definindo a família como um sistema que funcionava a partir da estruturação dos subsistemas, no qual cada membro executa seus papéis. Seu principal teórico foi Minuchin. A Escola Estratégica desenvolvia seu trabalho com base na resolução de questões trazidas pela pessoa atendida.

A Escola de Milão que propunha a ideia de que cada membro familiar era influenciado pelo outro. E a Escola Construtivista que se pautava nas interações enquanto meio significativo entre as pessoas. Já o enfoque psicanalítico trabalha com o passado, na medida em que foca na história da família. Utiliza de forma recorrente a interpretação. (FIORINI & GUISSO, 2016).

1.2 FAMÍLIA COMO SISTEMA

Ao pesquisar sobre família na perspectiva sistêmica e comunicacional devemos considerar que na última década o conceito de família vem se transformando, ganhando novas tendências, novas configurações e abrindo espaço para novas concepções. Isso faz com algumas pessoas valorizem mais seus hábitos tradicionais e outros seu progresso.

Seja qual for o modelo de família, ela deve ser sempre enxergada como um conjunto de pessoas consideradas como unidade social, com um sistema onde seus membros se relacionam com o mundo exterior (NAIFF & SILVA, 2017). A família é um sistema dinâmico que contém subsistemas, desempenhando funções no contexto da família e na sociedade.

Os principais referenciais teóricos associados à família apontam para a mudança ocorrida no modelo tradicional e no surgimento de novas concepções familiares, novos valores, diferentes tipos, identidade própria e história de vida que fogem do ideal imposto pelo patriarcado. A diversidade na família levou a alterações significativas, abandonando o modelo tradicional prevalente e aparecendo novas formas de organização familiar. Novos conceitos surgiram, novas composições e mudanças nos papéis. (NAIFF & SILVA, 2017).

Evidentemente que a transformação na família não a exclui da sociedade, pois ainda é considerada a instituição que mais resiste ao tempo. Além de possuir uma existência objetiva, como grupo de pessoas, a família também se constitui como uma instituição, uma vez que é uma categoria existente dentro do plano do senso comum, ditando e descrevendo, o que é ou como deve ser uma família (MORATO, ZAPATA & MESSENGER, 2015). A família funciona como um espaço de reprodução tanto biológica, que se refere à ideia de multiplicação, ou seja, procriação, quanto no que se refere à ideia social, relacionada diretamente à socialização dos filhos e à construção de normas e regras sociais. Dessa forma a instituição família vai se adequando assim como adequando o comportamento dos filhos a uma ordem coletiva mais geral, que extravasa a unidade familiar (NAIFF & SILVA, 2017).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Deve-se pontuar que devido a diversidade da prática profissional e das abordagens de estágio, os alunos em determinado período de Psicologia, mas especificamente, no nono período, precisam optar por seguir uma perspectiva teórica para conduzir seus atendimentos durante um ano, de acordo com a matriz curricular. Diante disso, escolhemos realizar o estágio em psicoterapia de família e casal com a abordagem sistêmica, tal prática foi supervisionada pela professora Ludmilla Furtado da Silva.

3. O CASO

Adentraremos no estudo de caso, apresentando elementos como a demanda, a história da família, a compreensão e a impressão, além de elucidar como desenvolvemos o processo psicoterapêutico, os atendimentos realizados e a evolução da família.

3.1 O ENCONTRO COM A FAMÍLIA

A família espontaneamente preencheu a ficha de inscrição para lista de atendimentos no SPA. Aqui identificaremos como RP para o pai, GP para mãe e HP para o filho do casal. GP tem aproximadamente 36 anos e RP tem aproximadamente 40, são casados e tem apenas um filho HP de 21 anos. Não foi possível coletar muitas informações a respeito da família de origem do casal. Em virtude disso, o que foi coletado, será apresentado a seguir. Assim, sabemos que RP tem dois irmãos, sendo que um deles mora em São Paulo e outro no RJ. GP não menciona quantos irmãos tem, mas ambos mencionam que são primos de primeiro grau. GP trabalhava como enfermeira, mas não trabalha mais e RP é militar.

RP é bastante comunicativo, espontâneo, GP fala pouco, e HP quando fala, sempre parece buscar incentivo e/ou confirmação no olhar dos pais, principalmente da mãe.

3.2 COMPREENSÃO E IMPRESSÕES DO CASO

A queixa inicial foi trazida pelo pai RP. É importante sinalizar que a primeira entrevista foi realizada por uma aluna que não pode dar continuidade ao caso em virtude de sua colação de grau. Fazendo uma compilação e uma síntese do que estagiária anterior relatou, acreditamos ser necessário destacar o motivo do pai para irem a terapia, mas especificamente ao fato de HP ter perdido o prazo para renovação da carteira de motorista.

A estagiária descreve também que HP é quieto, em suas palavras "apresenta um comportamento introvertido". A mãe, segundo a estagiária, "chora durante a sessão". Finalizando os dados do relatório, temos o relato de GP em relação a depressão crônica e ao fato de ter tido um episódio de perda de memória, quando HP tinha 5 anos, pontuando que isto havia ocorrido devido o estresse de trabalho.

A estagiária que assume o caso percebe que há uma aliança entre os membros da família, que possuem segredos familiares e apesar da "aparente" união, há falta de comunicação. Com isso, apresentaremos a seguir algumas pontuações em relação às impressões que serão pautadas em conceitos teóricos, como o segredo familiar que "[...] oculta fatos que não correspondem às rígidas exigências estabelecidas pelos padrões familiares" (CAVALHIERI 2017, p.135 *apud* PRADO, 1996, p.199). Isto é, que propicia "comportamentos sintomáticos no próprio sistema", fazendo com que haja uma deturpação dos subsistemas. (CAVALHIERI, 2017, p.135). Outro ponto a ser elucidado, perpassa pelo conceito de ciclo vital, que está associado a cada pessoa, nesse sentido, cada uma está dentro de um momento desse ciclo, por isso, há mudanças individuais que são resultados da fase vivida, além de provocar mudanças na família, por essa razão, a mesma precisa se readaptar com esse novo estágio, fazendo uma transformação, inclusive, no próprio sistema. (MCGOLDRICK & SHIBUSAWA, 2016).

3.3 ATENDIMENTOS/SESSÕES

Para que não se estenda a narrativa dos atendimentos, preferimos destacar os principais pontos que emergiram durante o processo terapêutico. Nessa perspectiva, o relato inicial carrega a fala de RP (pai) acerca dos efeitos positivos da sessão anterior. É possível notar a dificuldade de HP em se expressar, apontando para cabeça ao verbalizar. Há um breve relato de GP sobre a infância de HP, em seguida, a família retoma o assunto da renovação da carteira de habilitação. No terceiro encontro, o atendimento é direcionado para a preocupação de HP quanto a apresentação do teatro de última hora. Além da inquietação de HP, o mesmo demonstra ao justificar a falta de seu pai, o quanto gosta dele, no entanto revela que não se sente à vontade para conversar com ele, diferentemente da mãe, com quem HP costuma conversar. Ao final da sessão, GP pontua que o filho estava tão nervoso que ficava tremendo, contudo, ele diz que não se recordava disso. Mas, acrescentam que esse episódio

não era recorrente.

O próximo atendimento transita pela apresentação da peça, pela conversa com o diretor da escola de teatro, a falta de autonomia de HP quanto a resolução de problemas e a falta de tomada de decisões, a importância dos estudos para os pais, principalmente para RP, sobre a carreira acadêmica de HP e a importância que o teatro tem para ele.

No sexto atendimento GP resgata a temática acadêmica, assinalando que HP fez Web Design, nesse momento, emergem algumas falas, muito cruciais para entender essa demanda do filho, uma vez que, o mesmo expõe que:

- **Em relação a formação** “ainda não virei a chave”, e que não sabe o motivo, complementando a fala, dizendo que sabe que precisa fazer isso.

- **Teatro** “está sendo, está em movimento, que ele está descobrindo.”

- **Web Design** ele diz que não tem uma "liga" com web design, que tem com o teatro, e prossegue dizendo que gosta de contato (gesticulando com o braço), completa falando que não tinha isso no curso de web design, além de não ter autonomia.

Apresentamos fragmentos da fala de HP, como meio de elucidar e por ser significativa para a continuidade do relato. Desse modo, podemos visualizar melhor as expressões e experiências de vivências do filho, na qual o fato de não ter virado a chave, aponta para a necessidade de o jovem perceber que precisa se adequar na fase do ciclo de vida a qual pertence, a segunda fala nos direciona para algo que é realmente significativo para ele, e a última, mostra e reforça ainda mais a ideia anterior.

Outro ponto tocado foi a preocupação do pai em relação a mudança de rotina no trabalho. HP também demonstra a inclusão dos terapeutas dentro do sistema familiar ao relatar que, sente falta de RP (pai), pontuando que quando o pai não está na sessão, estamos em 80%, mas quando estão em casa não estão em 100% pois, nós terapeutas, não estamos com eles.

Entre o sexto e o nono atendimento, a família se ausenta devido ao falecimento do irmão de RP. Quando a família chega para o atendimento, trazem questões densas, como o processo de luto, o manejo burocrático do funeral que precisou ser feito por RP, além do sentimento de culpa de GP pela perda de uma grande quantia de dinheiro de suas parentes. HP comenta sobre o teatro, as relações dentro desse espaço, destacando que ficou surpreso quando as pessoas do teatro sentiram sua ausência, mas em seguida, fala que “algumas pessoas não valorizavam o que ele dizia”, o que ratificava seu incômodo diante da situação. E declara que não contou sobre isso em casa, pois queria falar na terapia, isto é, percebemos que HP usou o espaço da terapia para o diálogo entre eles, bem como, a nossa inclusão nesse sistema.

Nos três últimos atendimentos, é perceptível ainda, a reorganização da família em virtude do ocorrido. Enfatizou-se a necessidade de RP em falar com as terapeutas, mas não faria com o filho

junto, e na fala dele, “para não passar coisas negativas.” Prolongou-se um pouco do assunto relacionado ao irmão falecido. Todavia, mudando o assunto, HP nos conta que foi na Universidade de Artes, e que ele sabia que era isso que ele queria.

No décimo segundo atendimento, tocou-se novamente no assunto da depressão crônica que GP tinha em razão do visível abatimento da mesma. Durante o atendimento surge novamente a questão da carteira de motorista, e nesse momento, fica mais claro a situação, pois HP diz que não marcou a prova de direção, por medo, mas não sabia explicar o porquê. Ou seja, a situação estava calcada no fato de HP não ter marcado a prova para tirar a habilitação.

Por fim, o décimo terceiro encontro tinha o intuito de fazer um fechamento dos atendimentos. Contudo a família não compareceu e não justificou a ausência. Tentamos entrar em contato, mas não obtivemos um retorno. Contextualizando os últimos relatos, compreendemos que havia muitas coisas acontecendo, a família ainda estava enlutada, havia o início de um movimento de busca de HP por sua vida acadêmica e com isso, vemos um direcionamento dele para a sua autonomia, tal como, a nova passagem, em outras palavras, uma transição/troca de terapeutas. Nesse caso, é a família iria experimentar um novo acolhimento, para dar continuidade nos atendimentos, mas com a ausência dos mesmos para o término dos atendimentos, não podemos aferir se a família estava mesmo pronta como disse, para adentrar um novo processo terapêutico.

4 – DESENVOLVIMENTO PSICOTERAPEUTICO

Os atendimentos foram realizados semanalmente com encontros de até 50 minutos, e algumas sessões foram realizadas sem o pai por conta de seu trabalho. Foi realizado o preenchimento dos protocolos para o atendimento nas dependências do SPA, no qual consiste a apresentação e a elucidação do procedimento terapêutico e do funcionamento do SPA, fizemos a acolhida inicial também, o preenchimento dos dados do termo de consentimento para que os atendimentos pudessem ser usados para estudos posteriores, e coletaram-se informações para o preenchimento do prontuário.

Identificou-se que HP era o paciente identificado (PI), isto é, aquele membro que carrega as questões psíquicas direcionadas pelos demais membros da família, fazendo com que os mesmos não se impliquem durante a terapia.

Durante o processo terapêutico foi possível inferir que o filho se encaixava na categoria de adulto emergente, na qual essa ideia está associada "a conquista de autonomia por parte do adulto emergente." (ANDRADE, 2016, p.138). Nesse sentido, é importante pontuar que, há uma compatibilidade com a demanda trazida, implicando na autonomia que o casal gostaria que HP tivesse.

Para entendermos melhor essa fase, buscamos resgatar a primeira descrição que foi feita por Arnett, no início dos anos 2000, que tentava entender a transição da fase adulta em países com bom desenvolvimento. Nesse sentido, o mesmo entende o termo enquanto uma exploração identitária

que está ligada a aspectos afetivos, profissionais etc., podendo apresentar cinco características, como “(a) idade da exploração de identidade, (b) idade da instabilidade, (c) idade do autofoco, (d) idade do sentimento de ambivalência e (e) idade das possibilidades.” (GOBBO & ZANON, 2023, p.2).

Andrade (2016, p.131) exprime que é uma fase do desenvolvimento, e

"[...] que decorre entre os 18 e os 25 anos de idade, [...], e é marcado predominantemente pela exploração da identidade (existe a exploração de diversas possibilidades em áreas distintas, principalmente na vida profissional e na vida afetiva), pela instabilidade (as explorações próprias da adultez emergente tornam este período excepcionalmente estimulante, mas também excepcionalmente instável), pelo autofocus (no sentido de que os adultos emergentes têm poucas obrigações e deveres sociais, e poucos compromissos com os outros, o que lhes permite grande autonomia na gestão das suas vidas. (ANDRADE, 2016, p. 131).

Desta forma, é uma fase demarcada por transformações, estudos apontam, por exemplo, que os jovens só se entendem enquanto adultos, quando assumem a responsabilidade por si, tomando suas decisões e quando alcançam a independência financeira. (ANDRADE, 2016).

A construção da identidade, autoconceito e autonomia em adultos emergentes nos direcionam para a construção de identidade. Andrade (2016) que diz que Erikson foi o primeiro autor que de forma concreta e sólida, analisou o fenômeno de identidade em nível de conceito, formação e desenvolvimento. A partir disso, podemos observar quatro estatutos de identidade: a construída, a moratória, a vicariante e a difusão. Esses estatutos estão ligados aos "diferentes estilos de lidar com a tarefa psicossocial e são definidos pela presença ou ausência de exploração e de investimento em áreas específicas: profissional, ideológica (religiosa e política), interpessoal/sexual (atitudes sobre os papéis sexuais e sobre a participação em relações sexuais). (ANDRADE, 2016).

Identificou-se a partir do relato de RP, que HP corresponde a ausência de exploração, pois HP "[...] não sente necessidade de escolher alternativas nem de tomar decisões, quer porque já estão definidas por outrem, quer porque foram aceitos sem questionamento." (ANDRADE, 2016, p.138). Mas, durante o acompanhando da família, percebe-se que HP apresenta características que vão de encontro ao estatuto de identidade vicariante "[...] onde não há indícios de existência de nenhum período de exploração anterior ou atual, mas existe, contudo, um investimento que, normalmente, é fruto de escolhas e projetos de outras figuras significativas ou de autoridades." (ANDRADE 2016, p.138 *apud* COSTA, 1991, s. p.).

Nesse sentido, devemos pontuar que essa etapa de ciclo vital pode variar conforme os contextos e experiências no qual o adulto emergente esteja inserido. E para finalizar, temos que adentrar na questão da autonomia, que faz parte do desenvolvimento e da vida adulta. Nessa perspectiva o jovem adulto passa por esse processo, no qual percebemos que as figuras parentais não mais o auxiliam nos diversos aspectos e âmbitos da vida do mesmo, que implica na resolução de problemas, nas atitudes e comportamentos, nas escolhas, na ausência as necessidade de aprovação e de suporte emocional, que passam a ser ministrados por conta própria.

(MCGOLDRICK & SHIBUSAWA, 2016).

Em virtude disso, podemos notar também em HP, a ausência da autonomia, posto que o mesmo sempre tinha ajuda dos pais para resolver suas questões, além da necessidade de aprovação e apoio dos pais. No qual, o jovem passa a desempenhar seu papel social que demandam essa postura, devido ao estágio em que se encontra. (ANDRADE, MARQUES & MOURA, 2016).

Evidentemente, da perspectiva dos pais, as tomadas de decisões do filho, numa fase do desenvolvimento em que as escolhas e comportamentos podem ser rapidamente expansíveis, podem ser muito insuficientes. Isso pode dificultar que o pais vejam o filho como um ser construindo autonomia mesmo que ele faça escolhas frustrantes e/ou insensatas.

O adaltecer desencadeia sentimentos de perdas e medos que vão afetar toda família, pois na medida que o jovem adulto vai fortalecendo suas alianças fora do sistema familiar, os membros da família tendem a considerar que isso seja uma perda. Os pais tendem a sentir um vazio quando um adolescente transita para a vida adulta e vai adquirindo mais autonomia.

Tal perspectiva corrobora com a teoria sobre o ciclo de vida da família que nos aponta que há um aumento de estresse familiar quando há transição de um estágio para o outro. Muitas vezes, torna-se necessário empenhar os esforços terapêuticos para auxiliar os membros da família a se reorganizarem, de modo a prosseguir desenvolvimentalmente (MARQUES & MOURA, 2016)

4.1 EVOLUÇÃO DA FAMÍLIA

Percebeu-se que os atendimentos viabilizaram o lugar que cada membro precisava ocupar, possibilitando reflexões e transformações no sistema familiar. Foi possível que houvesse a retirada do paciente identificado (HP) desse lugar, tendo vista que, todos os membros puderam se implicar dentro do processo terapêutico. Mediante a isso, foi possível observar um movimento em direção a mudança de HP, pois o mesmo buscou procurar a faculdade de artes, demonstrando interesse e dando os primeiros passos para construção de seu futuro, e conseqüentemente de sua autonomia (MARQUES & MOURA, 2016).

Durante as sessões, vemos a família enquanto potência, na medida em que, não só havia um movimento dos membros em busca de um equilíbrio do sistema, quanto pelo entendimento de que cada membro tem sua parcela de responsabilidade nesse progresso. Para tal, foi necessário que o diálogo fluísse a fim de equilibrar as relações familiares, sendo o processo terapêutico um canal que a família encontrou para tecer diálogos e uma comunicação que não era efetiva no ambiente familiar, criando um espaço para a resolução de problemas, possibilitando uma dinâmica mais adaptativa. (ROSSATO, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo foi costurado a partir da experiência vivida durante o período de estágio clínico que se mostrou fértil quanto a tentativa de produção acadêmica, isto é, na transformação deste artigo.

Sob a perspectiva sistêmica, tecemos pontuações a fim de articular o caso clínico com a teoria, solidificando assim, teoria e prática. Para tal fez-se uma breve apresentação do que é terapia de família, como ela surgiu e suas abordagens, que perpassam pelos modelos, configurações e/ou arranjos familiares. Adentramos a partir disso, na descrição do caso e na demanda, que implicaram na elaboração das compreensões e impressões acerca do que foi o desenvolvimento psicoterapêutico, os atendimentos e a evolução da família.

Nesse sentido buscou-se calcar nosso entendimento no que é a família, na história da família, nas atitudes e demandas apresentadas bem como, nas transições que a família passava devido ao ciclo vital na qual estavam inseridos. Em consequência disso, consideramos que esse estudo possa ser utilizado de forma a contribuir para novos estudos, da mesma maneira em que, para a prática profissional dos estagiários e dos que já estão formados. Apresentando também um pouco da discussão no âmbito da abordagem sistêmica, salientando que não podemos e não devemos deixar de ter o cuidado de se aprofundar no caso, para que possamos ter condições de possibilitar intervenções que amparem a família na reorganização e adaptação do seu sistema. Tornando-se nesse sentido, o estágio realizado nas faculdades, um fecundo espaço para estudos dessas intervenções.

Por fim, destacamos que o processo terapêutico contou com a atitude colaborativa e participativa da família e a sua implicação no processo de mudanças, o que potencializou o equilíbrio e o reajuste da família, do mesmo modo que enriqueceu a experiência e prática de estágio pautada no reconhecimento da importância acerca da fundamentação teórica, que é imprescindível ao desenvolvimento e ao preparo para uma boa prática profissional. (MCGOLDRICK & SHIBUSAWA, 2016).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cláudia. 2020. “A construção da Identidade, Auto-conceito e Autonomia em Adultos Emergentes.” Escola Superior de Educação de Coimbra - Instituto Politécnico de Coimbra – Portugal, *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, 20(1): 137-146. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-353920150201944>. Acesso em: 24 nov 2024

CAVALHIERI, Klaus E. et al. Influência do segredo na dinâmica familiar: contribuições da teoria sistêmica. **Pensando famílias**, Porto Alegre, 21(2): 134-148. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200011#:~:text=O%20objetivo%20deste%20estudo%20%C3%A9%20ilustrar%20e%20compreender%2C,social%2C%20considerando%20os%20segredos%20familiares%20que%20a%20permeiam. Acesso em: 24 nov 2024

CHARLES, P.; SPIELFOGEL, J.; GORMAN-SMITH, D.; SCHOENY, M.; HENRY, D.; TOLAN, P. 2020. “Disagreement in parental report of father involvement.” **Jornal of family issues**, 37(1): 1-24. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29515272/>. Acesso em: 24 nov 2024

FIORINI, Milena Carolina *et al.* Teoria familiar sistêmica: Retrospectiva histórica e perspectivas atuais. **Psicologia. PT**: 1-12. 2020.

Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?teoria-familiar-sistemica-retrospectiva-historia-e-perspectivas-atuais&codigo=A1009&area=D11A. Acesso em: 24 nov. 2024

FURLAN, Fernando Palma Pimenta; RODRIGUES, Auriceia Carvalho. As modalidades de família reguladas pelo direito brasileiro. *Revista Ibero-Americana de humanidades, ciências e educação*, 2024, 10 (4): 2414-2433. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13610/6687>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MARQUES, L.F.; MOURA, M.L.S. 2016. Autonomia adolescentes. *In*: Ponciano, E. L. T.; Seidl-de-Moura, L. S. **Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos (as) da adolescência para a vida adulta**. Curitiba, CRV.

MCGOLDRICK, M.; SHIBUSAWA, T. 2016. O ciclo vital familiar. *In*: WALSH, F. **Processos normativos da família: Diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Artmed.

MORATTO VÁSQUEZ, Nadia Semenova; ZAPATA POSADA, Johanna Jazmín; Messager, Tatiana. conceptualización de ciclo vital familiar: una mirada a la producción durante el periodo comprendido entre los años 2002 a 2015 (Conceptualization of family life cycle: a view of the production during the period between 2002 and 2015). **CES Psicología**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 103–121, 2015. Disponível em: <https://revistas.ces.edu.co/index.php/psicologia/article/view/3555>. Acesso em: 24 nov. 2024.

NAIFF, L.; SILVA, L. 2017. Recasamento: identificando representações sociais na conjugalidade e na parentalidade. **Ayvu: Revista de Psicologia**, 4(1): 147-167. Disponível em: Acesso em: 00 mÊs ano.

PADILHA, Luccas Santin; LUCAS, Micheli Gaborardi; PALMA, Domingos Luiz. 2016. Um estudo de caso familiar à luz da abordagem sistêmica. **Revista Tecnológica**, 4(1): 54-73. Disponível em: Acesso em: 00 mÊs ano.

PASSOS, M. C.. 2015. Vicissitudes do tempo na formação dos laços familiares. *In*: T. Féres-Carneiro (Org.). **Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO.

ROSSATO, Mara Lúcia. 2017. Terapia familiar como um espaço de resignificação das relações. **Pensando famílias**: Porto Alegre, 21(1): 137-145. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100011. Acesso em: 24 nov.2024

SANTOS, Maíza Evani Ferreira. 2018. **Coparentalidade: A evolução do conceito de família no Brasil**. Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Direito, Universidade Tiradentes. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/2122>. Acesso em: 10 de nov. 2024

SOARES, B.; COLOSSI, P. M. Transições no ciclo de vida familiar: a perspectiva paterna frente ao processo de transição para a parentalidade. **Barbarói**, n. 48, p. 253 - 276, 4 jul. 2016.

ZANON, Leticia Dellazzanna; GOBBO, Jessica Particelli. Sentidoda vida na adultez emergente: contribuições para a psicologia do desenvolvimento. **Subjetividades**, 23(2): 1-12. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/12968/7192>. Acesso em: 23 nov. 2024.